

● Leitor fluente - 6º a 9º ano
do Ensino Fundamental

VEREDAS

JOSÉ ROBERTO TORERO
LEO CUNHA

As figuras do nosso prédio

Leitor fluente – 6º a 9º ano do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência

humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série

de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor. Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos

que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto,

bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.

- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ◆ do mesmo autor;
- ◆ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ◆ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

JOSÉ ROBERTO TORERO
LEO CUNHA

As figuras do nosso prédio

Leitor fluente – 6º a 9º ano do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

José Roberto Torero nasceu em Santos, em 1963. Bacharel em Jornalismo e Letras pela Universidade de São Paulo (USP), recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro do ano em 1995 e é autor de cerca de 50 livros, metade para adultos, metade para crianças. É autor de *Muito prazer, sou Betinho* e *Criaturas da Ilha de Corso*, publicados pela Moderna.

Léo Cunha é um mineiro apaixonado pelas palavras. Cultiva essa paixão no jornalismo, na publicidade e na tradução. Mas é nos livros infantis que o amor pela palavra ganha mais espaço. Com mais de 20 livros publicados, Léo recheia suas histórias e poemas com muitos jogos de palavras, rimas, musicalidade e humor. Além de Literatura, Léo gosta muito de música, futebol e cinema.

RESENHA

As figuras que habitam o condomínio Flor do Lácio não são outras além das muitas variedades de figuras de linguagem que continuamente inventam

e reinventam essa construção bastante complexa que é a nossa língua. O sumário do livro funciona quase como um diagrama das relações de vizinhança que as figuras de linguagem estabelecem entre si: o primeiro andar abriga as figuras de comparação: Metáfora, Metonímia, Catacrese e Sinestesia; no segundo andar, moram as figuras de sintaxe, como Elipse, Zeugma, Anacoluto, Anáfora, Pleonasma, Hipérbato, Circunlóquio, bem como os irmãos Polisíndeto e Assíndeto. Já no terceiro andar, temos as figuras de pensamento, como a Hipérbole, o Eufemismo, o Litotes, o Sarcasmo, a Ironia, o Disfemismo, o Coronel Gradação, a Prosopopeia, e os irmãos Paradoxo e Antítese. No quarto e último andar, por fim, vive aquela que o texto chama de “uma turma do barulho”: as figuras de linguagem ligadas ao som, tais como a Aliteração, a Assonância, o Cacófono, a Paranomásia e a Onomatopeia. Entre os diferentes andares, vira e mexe circulam os funcionários do prédio: Ambiguidade, a atrapalhada faxineira; Clichê, o zelador que costuma aparecer por toda a parte; além de Trocadilho, o porteiro.

Não é à toa, claro, que o nome desse condomínio seja Flor do Lácio: trata-se de uma expressão usada

pelo poeta Olavo Bilac em seu soneto *Língua Portuguesa*. Talvez uma das melhores maneiras de navegar pelos territórios complexos dessa “língua inculta” seja justamente por meio de suas figuras de linguagem. O Lácio que dá origem a essa flor é, afinal, o latim – essa língua morta que deu origem a várias outras línguas, que inclui o português, essa língua “desconhecida e obscura”, segundo Bilac, falada no Brasil, em Portugal, na Angola, em Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, e outras como o espanhol, o catalão, o italiano, o francês, o romeno e outras menos conhecidas, como o galego e o occitano.

Assim como o condomínio retratado neste livro, uma língua abriga dinâmicas diversas e complexas, com espaço para muitas escutas, leituras e deslizes de sentido. Com bastante humor, Torero e Cunha personificam cada figura de linguagem transformando-a num dos moradores do prédio, deixando que as figuras de linguagem invadam o próprio texto. Trata-se de uma obra bastante poética e nada didática, que provoca o leitor ao convidá-lo a adentrar os meandros bastante tortuosos dessa língua, afinal, os jogos entre as palavras vão muito além de seu sentido denotativo. Ao fazer da ambiguidade a faxineira do prédio, e do clichê, o seu zelador, a obra nos mostra, ainda, como as figuras de linguagem convivem muito de perto com o que podemos chamar de vícios de linguagem: o que é intencional ou não nos duplos e múltiplos sentidos entre uma palavra e outra? O trocadilho, porteiro do prédio, é algo que pode tanto produzir efeitos quase infames quanto nos abrir para uma dimensão poética, quando passamos a nos dar conta de que a sonoridade das palavras abre um caminho que vai muito além de um sentido meramente funcional e utilitário.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Perfis humorísticos

Palavras-chave: Figuras de linguagem, denotação e conotação, humor

Componente curricular envolvido: Língua Portuguesa

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação

Tema transversal contemporâneo: Vida familiar e social

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável: ODS-4. Educação de qualidade

Público-alvo: Leitor fluente (6º a 9º ano do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro, estimulando-os a perceber a relação entre o título e a imagem. O que alunos podem dizer a respeito desse prédio, levando em conta a ilustração? Qual a impressão que eles têm dos personagens e objetos vislumbrados através das janelas? Será que os alunos reparam no pássaro pousado num parapeito e nos saxofones na sacada – no mesmo andar em que é possível ver um piano por meio da janela?
2. Chame a atenção para o modo como o nome do ilustrador é apresentado em uma espécie de letreiro luminoso, como um cartaz de *show* ou de teatro, que pode ser visto da frente do prédio.
3. Na quarta capa, há um depoimento de Pedro Bandeira, que fala da chatice da gramática que lhe foi apresentada na escola, em contraponto com a inventividade desta obra de José Roberto Torero e Leo Cunha. Qual o contato que os alunos têm com a gramática da língua portuguesa? De que maneira ela lhes foi apresentada? Foi chato? Divida os alunos em pequenos grupos e peça que discorram sobre suas impressões com liberdade.
4. Chame a atenção para a imagem da primeira página do livro, em que se vê a maçaneta de uma porta que pode se abrir, bastando estender a mão. Veja se os alunos notam como essa imagem dá a impressão de que abrir o livro é mesmo como adentrar o prédio citado no título.
5. Leia com a turma o parágrafo da página 3, que de alguma maneira apresenta o livro que estão prestes a ler. Veja se a turma nota a ilustração, que mostra uma corneta: instrumento cuja sonoridade muitas vezes funciona como abertura, chamado, arauto.
6. Dedique algum tempo para que a turma se familiarize com a planta do edifício, que aparece nas páginas 4 e 5, cujo texto apresenta a organização do prédio, sendo que em cada andar encontram-se diferentes categorias de figuras de linguagem. Isso permite um acesso privilegiado à estrutura da obra, de forma similar ao que faria a planta de um edifício.
7. Chame a atenção para o sumário do livro, nas páginas 6 e 7, que sintetiza a estrutura que foi apresentada nas páginas anteriores e funciona como um verdadeiro diagrama das figuras de linguagem que povoam a língua portuguesa.

8. O título desta obra foi inspirado num soneto de Olavo Bilac, intitulado *Língua Portuguesa*. Traga o poema para ler com a turma, aproveitando para apresentar-lhes a estrutura de um soneto.

Durante a leitura

1. É provável que os alunos não conheçam o sentido da maior parte das figuras de linguagem que habita o condomínio imaginário retratado no livro. Estimule-os a consultar a internet para compreender melhor o sentido de cada figura de linguagem, o que fica mais fácil dando uma olhada em exemplos de diferentes frases nas quais cada figura está presente.

2. O texto que descreve cada um dos moradores e funcionários do condomínio é escrito explorando bastante a figura (ou vício) de linguagem em questão. Peça aos alunos que sublinhem os momentos em que cada figura está presente.

3. As falas do zelador, o senhor Clichê, apresentam frases que alunos muito provavelmente já ouviram em algum lugar antes. Estimule-os também a reconhecer os trocadilhos nas falas do porteiro.

4. Sugira aos alunos que retornem, sempre que necessário, às páginas da planta do prédio e do sumário, que oferecem um ótimo panorama do modo como essas diferentes figuras se relacionam entre si.

5. Na página 31, a Ironia é apresentada ao leitor de uma forma diferente das demais personagens: por meio de uma carta pendurada na parede do prédio. Veja se os alunos notam como o texto faz uma série de reclamações, mas apresentando-as como elogios.

6. Nas seções *Amigo secreto do prédio*, na página 42, e *Reunião de condomínio*, na página 56, cada condômino escreve seu bilhete (no caso do amigo secreto) ou faz comentários em voz alta (no caso da reunião com os outros moradores) usando a figura de linguagem que lhe dá nome. Peça aos alunos que prestem atenção nesse jogo, procurando esclarecer os casos em que a figura de linguagem em questão não ficou clara ainda.

Depois da leitura

1. Na seção *Sobre os autores*, José Roberto Torero e Leo Cunha fazem uma escolha um tanto inusitada: alguns dos personagens do livro apresentam informações a respeito dos dois ao mesmo tempo, jogando com a sonoridade dos seus nomes e criando frases que se baseiam em sua própria figura de linguagem.

Proponha aos alunos que, em duplas, escolham alguns moradores do prédio para apresentá-los ao mesmo tempo, e escrevam sua biografia em dose dupla. Que acontecimentos de suas vidas contariam? Que outros deixariam de fora?

2. Será que os alunos já viram a planta do lugar onde moram? Estimule-os a localizá-la, ou a fazer uma à sua maneira, inspirando-se nas primeiras páginas do livro. Como é cada pessoa que mora com eles? Qual é sua personalidade, quais são suas manias? Como eles apresentariam o lugar onde moram para uma pessoa que estivesse longe demais para visitá-los?

3. Leia com os alunos a entrevista concedida por José Roberto Torero ao jornal *Da hora*, em 2009, em que o autor compartilha alguns acontecimentos da sua infância e conta como surgiu seu interesse pela leitura, disponível em: <https://mod.lk/xq0eW> (acesso em: abr. 2025).

4. Na página 50, no apartamento da sra. Ana Coluto e do sr. Hipérbato, este canta o hino nacional repetidas vezes. Será que os alunos já se deram conta de que o hino é todo composto de hipérbatos, ou seja, frases cujos elementos aparecem fora de sua ordem mais natural? Peça aos alunos que reescrevam alguns versos do hino na ordem direta.

5. Proponha aos alunos que selecionem, cada um, ao menos dois moradores para se aprofundar mais na figura de linguagem escolhida, e imaginem como poderia ser um diálogo entre eles, em que cada um só conseguisse formular frases em que a sua figura de linguagem estivesse presente. Solicite que escrevam esse diálogo.

6. As figuras de linguagem, embora presentes na nossa comunicação de muitas maneiras, aparecem muito em canções da música popular. Proponha aos alunos que, em duplas, trios ou quartetos recorram à letra de algumas de suas canções favoritas e identifiquem as figuras de linguagem exploradas em cada uma delas.

7. Como não podia deixar de ser, o condomínio criado por Torero e Leo Cunha nada tem de realista, convidando o leitor a uma postura ativa: não se trata de um texto corriqueiro e previsível. Selecione para ler com os alunos algumas tiras de uma das maiores cartunistas do Brasil, Laerte Coutinho, que nos leva para ainda mais longe de qualquer realismo, brincando com efeitos de sentido em seu *Manual do Minotauro*, disponível em: <https://manualdominotauro.blogspot.com/> (acesso em: abr. 2025). Em seguida, convide-os a escrever pequenos textos a partir das tiras que leram.

DICAS DE LEITURA

► dos mesmos autores

- *Nonô descobre o espelho*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Uma história de futebol*, de José Roberto Torero. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Infinitos*, de Leo Cunha. São Paulo: Melhoramentos.
- *Manual de desculpas esfarrapadas*, de Leo Cunha. São Paulo: FTD.

► sobre o mesmo gênero

- *Livro da primeira vez*, de Otavio Frias Filho. São Paulo: Cosac & Naify.
- *Nas ruas do Brás*, de Drauzio Varella. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Quando eu era pequena*, de Adélia Prado. São Paulo: Record.
- *Fita verde no cabelo*, de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- *Minha tia me contou*, de Marina Colasanti. São Paulo: Melhoramentos.